

**A Direita Radical Populista expandida para a América:
um discurso nacionalista, xenófobo, populista e autoritário**

*The Populist Radical Right expanded to America:
a nationalist, xenophobic, populist and authoritarian discourse*

Geder Luis PARZIANELLO¹
Sandra Barbosa PARZIANELLO²

Resumo

O trabalho apresenta compreensões teóricas recentes publicadas, sobretudo, nos Estados Unidos, acerca do fenômeno do crescimento da extrema direita na política e quanto à sua expansão global para fora da Europa. Identifica autores que categorizam as características da chamada Direita Radical Populista, ou *Populist Radical Right* (PRR) e busca as marcas desse populismo em sua materialidade no sujeito discursivo de Donald Trump, eleito novamente presidente norte-americano, enquanto candidato pelo Partido Republicano (2024). Trata-se de um trabalho que converge estudos em Ciência Política e Comunicação, numa análise contemporânea do fenômeno, apoiada em teorias do discurso, da retórica e da argumentação. Atualiza ainda mais a abordagem aplicada no campo do populismo na política e conclui sobre determinações discursivas, próprias do discurso trumpista.

Palavras-chave: Populismo. Trump. Política. Estados Unidos. Extrema-Direita.

Abstract

The work presents recent theoretical understandings published, mainly in the United States, on the phenomenon of the growth of the extreme right in politics and its global expansion outside of Europe. It identifies authors who categorize the characteristics of the so-called Populist Radical Right (PRR) and seeks the marks of this populism in its materiality in the discursive subject of Donald Trump, former North American president and current candidate for the presidency of the United States for Republican Party (2024). This is a work that integrates studies in Political Science and Communication, in a contemporary analysis of the phenomenon, supported by theories of discourse, rhetoric and argumentation. It further updates the approach applied in the field of populism in politics and concludes on discursive determinations specific to Trump's discourse.

Keywords: Populism. Trump. Politics. United States. Far right.

¹ Pós-doutor em Estudos midiáticos, Universität Paderborn. Professor da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). E-mail: gederparzianello@unipampa.edu.br

² Doutora em Ciência Política – PPGCPol/UFPel. Professora Formadora do Curso de Especialização em Mídia e Educação – Unipampa/UAB. E-mail: sandraparzianello@unipampa.edu.br

Introdução

O crescimento da extrema direita é um fenômeno global que encontrou sua expansão fora da Europa a partir dos anos 2000. Nas décadas de 1980 e 1990, o já reconhecido populismo radical da *Right-wing politics* tinha uma força que era, até então, ainda marginal no cenário político do chamado velho continente. Países como a França e a Áustria apresentavam, já naquela época, casos emblemáticos como os do Partido da Liberdade Austríaca (FPÖ) ou o da Frente Nacional (NT) francesa, situados historicamente entre os mais velhos e mais conhecidos da ideologia de extrema direita.

Apesar de haver uma variedade de aspectos a se considerar no trato do fenômeno, acadêmica e cientificamente falando, foi com o trabalho expoente do pesquisador holandês, Cas Mudde, em 2007, que se alcançou uma compreensão mais aprofundada daquele movimento. O que em termos de ciência é absolutamente recente. É que Mudde conseguiu estabelecer categorias que entendeu como atributos do discurso daquela direita radical, nominada de *Populist Radical Right* (PRR)³ e que foi se tornando um fenômeno global para além daquele foco inicial da política europeia.

As categorias que Mudde (idem) identificou em seus estudos, muitos deles publicados nos Estados Unidos, acerca de como a PRR se manifesta, foram: o nativismo, o autoritarismo e o populismo propriamente dito, os quais nós descreveremos em detalhes, mais adiante e que nesse artigo ampliamos com o dobro de categorias de análise. Essas três características se mostravam enquanto marcas, principalmente, nos discursos de ideologia neoliberal e religiosa. Parte do sucesso, aliás, desse discurso extremista e da expansão que a PRR alcançou dali em diante, também se deve, justamente, à facilidade com que esse discurso se adaptou a fins diversos frente a demandas populares em determinadas contingências, já que a religiosidade e o neoliberalismo são temas favoravelmente voláteis ao jogo da política.

Estudos outros se seguiram, proliferando o interesse por aquelas análises e por este objeto, como os trabalhos de Akkerman (2016); de Wagner e Meyer (2007) ou de Kodak (2021) somados aos que trataram dos impactos da direita radical populista mais

³ Autores ingleses como Ruth Wodak (2017) denominam ao mesmo fenômeno como Right-wing Populism (populismo de direita).

diretamente no sistema democrático, como Abou-Chadi e Krause (2020); Mudde (2013) ou Monon e Winter (2020).

O fenômeno do populismo da direita radical fora da Europa é mesmo recente. Ele parece bastante exemplarmente encarnado na figura política de Donald Trump (2015), um magnata norte-americano que sempre se ocupou dos negócios, do lucro e de sua vida empresarial privada, sem ter, até aquele ano, qualquer envolvimento mais direto com a política formal no seu país. Trump situa-se como um particular exemplo de não europeu que assume o papel de sujeito discursivo dessa extrema-direita, mais próximo que está dos modelos daquela inspiração original, vinda do outro continente. Essa vinculação não se dá por acaso. É que na gênese da discursividade da PRR, os ideais de uma extrema direita radical europeia são, de fato, bastante semelhantes aos de Trump na sua aspiração política à Presidência, como os de salvar seu país, de resgatar a soberania nacional, principalmente a econômica, além de assegurar a proteção ao território, tido sugestiva e propositalmente, como permanentemente ameaçado. Uma ameaça, aliás, simbólica, figurativa, a qual analistas cientistas políticos já definiram perfeitamente enquanto sendo uma estratégia discursiva do populismo de direita: nominar um inimigo. Seja ele um país, um líder em uma não democracia ou mesmo um cidadão refugiado ou ainda um imigrante.

Os discursos mais extremistas da então chamada esquerda radical tinham outras aderências, tanto na Europa quanto fora dela. Só nos conservadores de ultradireita se vai encontrar o empenho por uma *performance* em torno de uma presença quase messiânica de um líder político, ainda que esta configuração simbólica possa ter alguma semelhança com a atuação, por vezes, de líderes também extremistas de esquerda (e como eles performaram do mesmo modo suas imagens públicas de salvadores, por meio de metáforas e estratégias semelhantes). Ainda assim, muito mais os distingue.

Os temores de uma ascensão da direita radical populista (PRR) se justificavam pela sua contingência, por conta dos resultados das eleições para o parlamento europeu, em 2024, ao mesmo tempo em que despertavam as preocupações diversas de que isso proliferasse mais ainda por toda a América Latina e do Norte. As forças dos partidos radicais ganharam 180 assentos nas eleições para o parlamento europeu, em 2024, o que significou 25% do total da representação política. Um saldo extremamente significativo e positivo para os ultraconservadores. Governos de países da Europa como Polônia, Itália, Turquia, Portugal, Espanha ou Hungria, entre outros, viram acontecer, nos últimos anos, uma clara ascensão da extrema direita populista em seus territórios, mesmo que em certo

sentido, em alguns deles, de atuação ainda moderada. A própria moderação foi, aliás, uma estratégia de busca de maior adesão de auditórios na política, conceito este que o polonês, naturalizado belga, Chaïm Perelman (1957) desenvolveu nos seus estudos em *Argumentação e Retórica* e que se reconhece nas disputas eleitorais mais contemporâneas, sobretudo, a partir do começo deste nosso Século. Perelman investigou o direito, a política e o jornalismo no âmbito da argumentação retórica, trabalhando com auxílio de sua colega pesquisadora belga, Lucie Olbrechts-Tyteca. Em suas pesquisas, eles concluem que a busca pela adesão de auditórios é o ponto central de toda argumentação que se pretenda eficaz. Em 1957, publicaram o “Tratado da Argumentação”, obra que marca uma nova era nos estudos em retórica dentro da tradição aristotélica e na qual elaboram este e outros conceitos, como veremos adiante.

A popularidade desse movimento da PRR em nosso tempo se deve à insatisfação do cidadão médio diante das sucessivas crises que se colocaram desde o começo dos anos 2000, como a crise financeira, a crise dos refugiados, a crise econômica e de saúde pública, estas duas últimas, aliás, trazidas especialmente com a Covid-19. A isso, some-se o cenário bélico atual e o genocídio da população civil provocado com as prolongadas guerras atuais (2024), da Rússia com a Ucrânia e de Israel com a Palestina. Cenários estes que instauram e ressignificam o temor popular, provocando ansiedade e dúvidas em relação ao futuro, ameaçando e destruindo vidas, a segurança pública, o emprego e renda da população, os seus meios de sobrevivência. Qualquer um que prometa, por meio de alguma estratégia discursiva, ser capaz de passar credibilidade e confiança num contexto como este, acerca da possibilidade de mudança e proteção, tem muitas chances de lograr adesão de públicos e ter êxito em processo eleitoral tendo em vista o medo gerado por esta realidade geopolítica. A vitória de Trump sobre Kamala, em novembro de 2024, é exemplo da materialidade dessas estratégias como eficazes.

Essa insatisfação da qual falávamos acima, associada aos temores que se encontra no povo, é que geram adesão a ideias extravagantes e de ruptura, uma vez identificado que a demanda popular não esteja atendida nos demais discursos políticos. A respeito de como as demandas contingenciais prefiguram o político, em sentido populista, só que numa perspectiva democrática do fenômeno (e não mais num sentido populista exatamente daquela tradição mais popular), há uma consistente produção acadêmica, promovida por Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, a partir dos anos 1980, e depois, também, já bastante sedimentada no Brasil, graças ao trabalho particular de pesquisadores

como a pesquisadora Celi Pinto, professora emérita da UFRGS e o cientista político e pesquisador do PPGCPol da UFPel, Daniel de Mendonça, a partir, principalmente, das últimas duas décadas.

Na Alemanha, a representação desse movimento populista se apresenta pelo partido “Alternativa para a Alemanha” (*Alternative für Deutschland*, AFP) que ficou em segundo lugar, em 2024, na preferência popular, à frente até dos sociais democratas no poder, representados pelo chanceler Olaf Scholz. O mesmo aconteceu na Holanda, onde o partido de extrema direita, Partido pela Liberdade, de Geert Wilders (PVV), ficou em segundo lugar, com apenas 4% dos votos e atrás do líder, o Partido Verde e Trabalhista. Na Áustria, O Partido da Liberdade (FPÖ), venceu com ligeira vantagem os democratas cristãos. A Áustria e a Holanda têm sido o esteio da direita radical populista.

No contexto da Hungria, Viktor Orbán obteve a maioria dos votos em um sistema cada vez menos democrático e que começa a ter forte inspiração também em eleições no contexto da América Latina. Na Polônia, o partido Lei e Justiça (PiS) tem promovido uma lenta, mas eficiente desintegração de instituições democráticas, estratégia esta que se identifica com o discurso negacionista, tanto na América do Norte quanto na América Latina, representativos idênticos dessa filiação ideológica destrutiva em nome de valores ambíguos em sentido como a liberdade e a própria democracia.

Juntos, estes partidos deslocam o Parlamento Europeu cada vez mais para o espectro da direita. Os pesquisadores austríacos Markus Wagner e Thomas Meyer, em 2016, elaboraram um estudo representativo sobre o desenvolvimento dessa direita extremista e o crescimento de sua adesão ideológica no espectro político. Eles investigaram 68 partidos em 17 países para demonstrar que partidos tradicionais foram se tornando, cada vez mais, parecidos, com a direita tradicional, num eixo sincrônico de trinta anos. Seus programas partidários abordaram questões liberais também em maior número a cada nova eleição. Segundo os pesquisadores, não houve evidência de que, mesmo assim, os partidos fossem se tornando mais moderados quando da esquerda mais radical; pelo contrário, o fenômeno acentuou suas convicções ideológicas e seu *modus operandi*.

Quanto mais distantes do histórico da Segunda Grande Guerra e das décadas que se seguiram, mesmo que bem mais adiante, e precisamente a partir dos anos 1980, os partidos de direita foram se sentindo mais fortes para assumirem posicionamentos cada vez mais radicais de novo e novamente extremistas como no passado. Pesavam já menos

sobre eles, então, ao que nos parece, os resquícios negativos daquele passado histórico. A crise de representatividade (CASTELLS, 2018) figura entre as condições favoráveis a esse crescimento da *right far*.

Nesse sentido, o radicalismo parece se confirmar como consequência das próprias demandas sufocadas historicamente, a ponto de que um percurso que os torne progressivamente extremistas em seu discurso possa ser entendido como efeito da própria política que o precede.

A direita não é mais *mainstream* (convencional) do que antes. Isso também, talvez, seja uma indicação de que os partidos de direita radical valorizem a diferenciação de políticas como uma forma de ganhar atenção e de manter apoiadores, segundo trabalham Kitschelt, 1994; ou ainda Wagner, 2012 (apud WAGNER e MEYER, 2016).

Pode-se argumentar, conforme os autores desta pesquisa austríaca, que os partidos tradicionais têm sido receptivos às preocupações dos eleitores ao assumirem as questões com as quais se importam na qualidade de povo enquanto categoria do político. Além disso, as posições dos eleitores estão, geralmente, à direita do consenso do partido tradicional e, conforme Bale (2003) de modo que as mudanças para a direita na imigração e na lei e ordem são, na verdade, “mudanças em direção ao eleitor mediano” (apud WAGNER e MEYER, 2016). Por outro lado, também concluem que as questões liberais autoritárias estão se polarizando, de modo que uma mudança consistente para a direita, na verdade, cria o perigo de que parcelas significativas do público se encontrem menos bem representadas pelos partidos tradicionais. Isso pode criar novas aberturas para alguns partidos (por exemplo, na esquerda radical), os quais podem tirar vantagem da natureza mutável do cenário ideológico.

A chamada '*verrechtsing*' (ou a virada à direita da política europeia, no original do termo, em holandês) é um fenômeno que requer ainda ser muito mais e melhor estudado. Poucos estudos ainda fornecem evidências empíricas disso, como assume o próprio pesquisador MUDDE (2012). Na descrição analítica que oferece em seu trabalho, Mudde (idem) aponta que a direita populista radical é uma anormalidade patológica que busca, segundo ele, a radicalização dos valores tradicionais.

Akkerman (2016) e colegas holandeses em coautoria, assumem que são mesmo as crises financeiras e econômicas que dividem outra vez a agenda política, alterando a condição de cidadãos em suas preferências e entendimentos, bem como oferecendo os partidos políticos de esquerda com incentivos ao convencional (*mainstream*).

A expressão “populismo radical de direita” (*radical right-wing populism*) descreve, segundo Akkerman et al. (idem) um grupo de partidos que são de direita por sua rejeição ao individual e a questões de equidade social. Tomam posições firmes, não centristas, em questões ditas centrais em sua ideologia. “Eles são partidos populistas no seu apelo ao homem comum e seu alegado senso superior” (BETZ, 1994, p.4). Akkerman (op.cit.) também se refere a Mudde (2007) em relação à classificação que este faz das três características daquela forma discursiva, como dito antes: o autoritarismo, o nativismo e o populismo, propriamente.

A classificação de Mudde

Central na ideologia da extrema direita radical parece estar uma combinação de nacionalismo e xenofobia no que o autor denomina ‘nativismo’. Essa ideologia sustenta que os estados devam ser habitados exclusivamente por grupos de membros nativos, aos quais compreenderia a ideia de ‘nação’. Estranha contrariedade com a preconizada defesa da liberdade de expressão, que no debate público, tem ocupado a extrema direita, entendendo-a como um direito independente de contextos e responsabilidades. O sujeito seria livre para dizer o que quisesse, mas não para ir e vir, decidindo morar onde encontrasse melhores oportunidades, haja vista o controle que dizem desejar sobre movimentos migratórios e outras ações nas quais deixam interferir o Estado, como o aborto. Daí a lógica contraditória de impedimento de liberdades que permeia também a política ultraconservadora contra refugiados e imigrantes ou sobre a mulher e seu corpo.

Por esta ideologia, da PRR, membros não nativos (tanto pessoas quanto ideias) são fundamentalmente ameaçados pelo que, por sua vez, ameaçaria a homogeneidade do estado-nação. Quando traduzido em programas de governo, o nativismo lida com instâncias como a anti-imigração, ou o anti-islamismo. Desde os anos 2000, o foco tem sido caracterizar o Islã como uma religião não nativa na Europa Ocidental. Os populistas afirmam que as elites são incapazes (ou não querem) representar as pessoas comuns e, portanto, propagam o ‘empoderamento’ (*empowerment*) do povo à custa das elites. Eles têm como alvo, características elitistas do sistema democrático, mas, não criticam o sistema democrático como tal. (Se identifica que reclamam do voto apenas quando perdem uma eleição e reclamam do Poder Judiciário só quando as decisões dos magistrados se mostram contrárias a seus interesses, embora recorram a eles,

sistematicamente, e do mesmo modo continuam se candidatando, tentando se eleger ou buscando se defender no âmbito judicial).

Na teoria política, se convencionou descrever esses discursos como sendo de partidos *anti-establishment*, interessados nas mudanças das regras do jogo, seja no exercício do poder, na mídia ou pela própria reputação dos partidos. (MUDDE, 2007). Ainda conforme este mesmo pesquisador, partidos da extrema direita radical, invariavelmente, se acham associados ao (neo) fascismo e ou ao (neo) nazismo, ainda que não o sejam; são partidos que não ganham a reputação de seus competidores democráticos legítimos em razão, justamente, das ideias contidas em seus programas. Como já dito, a crise financeira e a crise econômica romperam com a agenda política.

Kaltwasser e Zanotti (2003), reportando ao trabalho realizado por Moode (2007) descrevem a segunda das três características (ou atributos) da *Populist Radical Right* (PRR), que é o autoritarismo. Trata-se de uma defesa de noção hierárquica de sociedade, de acordo com a qual qualquer tipo de comportamento desviante deva ser punido. O que se considera como “desviante” varia, mas em geral é o que desvia dos valores tradicionais, principalmente, quando ameace a cultura do local. Akkerman e outros (2016) reconhecem essa incompatibilidade de convivência na percepção do movimento e apontam para o autoritarismo descrito por Moode (op.cit.).

Por conta dessa ideologia de combate ao comportamento desviante é que os discursos da PRR estarão afinados com a defesa do livre comércio de armas, o fortalecimento das forças policiais e de segurança, ou ainda, à ideia suficientemente polêmica de que não há outra forma de enfrentamento da violência que não por ela mesma. Tal violência, quando estatal e autorizada, levará fatalmente a uma opressão sobre populações de imigrantes ou marginalizados. O enfrentamento ao crime será pulverizado por ações que visem muito mais rapidamente a uma limpeza étnica, moral e urbana e na forma de ações como a de deportações em massa ou rígidas regras de imigração, construções de barreiras alfandegárias e controle nos territórios de fronteira. Essas descrições de contexto são parte do empenho metodológico que se requer numa análise discursiva, considerado o extralinguístico como parte do fenômeno.

Quanto ao populismo propriamente dito, terceira das características da PRR, é a leitura de que a sociedade se acha dividida entre os puros, na sua própria concepção do que isso signifique, e as pessoas não puras, ou as que vêm de fora, os forasteiros. E que esta divisão também se dá tendo uma elite corrupta de um lado (pois é preciso criar uma

dimensão maior do inimigo que ele mesmo) e os cidadãos de bem e patriotas, combatentes, de outro. Não são todas as formas discursivas da PRR que dinamizam com a mesma força esse populismo pela expressão transparente dessa cisão social. O discurso da PRR se coloca em oposição a uma elite corrupta, mas não consegue esconder a própria corrupção de quem a promova discursivamente, tampouco, seu próprio pertencimento a uma forma de elite. Essas três características encontram-se, de muitas formas, regimentadas em discursos circulantes, de modo que se confundem até em si mesmas: o autoritarismo se confunde com o nativismo que, por sua vez, confunde-se com o populismo propriamente dito ou uma combinação destes.

A essas três características, adicionamos outras três, reconhecidas no seu conjunto e, que nesse nosso trabalho, se representa como sendo as seis marcas do discurso trumpista, conforme descrevemos adiante (ver Quadro 1). O que se percebe é que o populismo se confunde com o autoritarismo e com o nacionalismo e a lógica nativista, comprometendo as estruturas democráticas.

A realidade do fenômeno nas Américas

Soshan (2017), pesquisador pós-doutorado pela Universidade de Chicago e que atua no *Colegio de Mexico*, junto ao Centro de Estudios Sociológicos, tece um comparativo desse movimento em direção à extrema direita no nosso continente, também com uma visão a partir do que este movimento discursivo e também político representou na Europa. Ele reconhece, a dificuldade de se realizar pesquisas que evidenciem o fenômeno, sobretudo, na América Latina, em virtude do que aponta como sendo uma evidência dessa carência por mais pesquisas empíricas, capazes de descrever os diferentes funcionamentos da política e suas nuances em contextos distintos.

A escalada da direita não só é difícil de ser determinada numa escala global como também, segundo ele, no âmbito regional e das Américas. Soshan (idem) acena na direção de que sejam necessárias abordagens cada vez mais interdisciplinares para que se consiga traçar uma descrição desse fenômeno do alargamento da ultradireita na América Latina, sendo necessário envolver várias disciplinas das Ciências Sociais, “que atravessem ubicações geográficas”, por exemplo. (ibidem).

O pesquisador brasileiro Rodrigo Mayer (2023) traz um dos mais atuais trabalhos com levantamento sobre a expansão da ultradireita na América Latina. Ele analisa os

casos do Brasil, Chile, Argentina e El salvador, reconhecendo como um fenômeno que parece conter alguma novidade no cenário político do continente. Também entende que essa expansão se deu diferentemente daquela marcada pelo crescimento dessas ideias em continente europeu.

O discurso direitista posiciona, de um lado, seus apoiadores (os do lado do bem, os patriotas) e de outro, seus opositores (as forças do mal, os inimigos da nação). Utiliza do grotesco e de performances toscas, com propósito de chamar atenção e de viralizar nas redes sociais. Mayer (idem) cita como exemplos desse direitismo no Brasil as motocicletas de Bolsonaro e, na Argentina, de Milei se fantasiando de super-herói. “A loucura e a bizarrice é um método”, escreve ele, destacando que os arautos desses discursos se apresentam em defesa das liberdades (algumas) e se colocam enquanto opções antissistema.

A própria ideia de liberdade para os direitistas extremos e populistas é vaga, como explica Mayer (2023), pois “não trata da liberdade do corpo”, uma vez que eles se colocam contra a liberação de drogas e contra o aborto. Uma ambiguidade contraditória que também se vê quanto às questões de liberdade de mercado. No seu discurso, os extremistas de direita apresentam políticas voltadas para o mercado e para o grande empresariado (Trump seria, portanto, um legítimo e natural representante deles). Colocam o empresariado como vítima do sistema e contrários à ordem global que os prejudica.

É também Mayer (2023) quem explica que esta estratégia visa captar um eleitorado não afeito ao seu programa econômico, mas que se mostra disponível para punir quem é retratado como causador de problemas nacionais. Escreve ainda, citando outro autor: “O uso de notícias falsas é uma arma utilizada para reduzir a confiança e a credibilidade das pessoas nos governos e nos adversários” (SOSHAN, 2021).

O radicalismo de direita se utiliza da negação da realidade tanto quanto do enfraquecimento dos adversários políticos, buscando reverter promessas de transformações sociais estruturais em capital eleitoral. “Apesar de adentrarem no poder por vias democráticas, a direita populista radical busca subverter a democracia e permanecer no poder” (MAYER, 2023).

O filósofo alemão Jürgen Habermas (1989), em sua teoria do discurso, explica a noção de “reivindicações de validade”, de origem aristotélica, reconhecendo que o apelo retórico pelo autêntico no lugar do verdadeiro serve de força de adesão de auditórios.

Habermas (idem) faz referência a leituras que ele próprio fez de Perelman (1957) para falar da força argumentativa com que certos raciocínios, de certo modo, contaminam. Na tradição desses estudos, é possível identificar uma matriz baseada na ideia de oferecer aos auditórios, particulares ou universais, elementos de identificação, sejam eles através de desejos, anseios e vontades ou mesmo receios, medos, temores, expectativas de reversão de um quadro que entendem em sua desvantagem.

Trump e seu populismo de direita nos EUA

Anantha Babbili (2022), nos Estados Unidos, publica a respeito da retórica incendiária de Trump na política como um fenômeno que acontece desde 2015. “Trump chegou ao poder defendendo cristãos brancos e conservadores; usando uma narrativa altamente nacionalista; mantendo uma ideologia populista; e atraindo apoio de setores menos privilegiados em áreas rurais”, escreve ela.⁴

O 45º presidente norte-americano⁵ foi capaz de mobilizar o voto branco empobrecido, mas também, conforme a pesquisadora, diferentes setores das classes mais ricas, ao passo que, em seu governo, implantava políticas fiscais que beneficiavam o setor mais rico da população. O engajamento do eleitorado é maior a quem lhes prometa melhorar suas condições de vida e ver suas demandas atendidas.

Como forma de preservar credibilidade e capital político mesmo numa eventual derrota eleitoral, o artifício é a suspeita continuada quanto à lisura do processo, de modo a criar na população, a desconfiança, já que entre os temores como da violência, do

⁴ Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-35502022000100005&lng=es&nrm=iso

⁵ Donald John Trump herdou uma fortuna de seu pai, um incorporador imobiliário do Queens, expandindo posteriormente os negócios da família para Manhattan, onde se tornou um socialite, conhecido por seu estilo de vida luxuoso e comportamento exuberante (McAdams, 2016). Trump criou uma organização sem fins lucrativos, a Trump Foundation, que foi fechada por uso ilegal de fundos de caridade para fins políticos. Neste caso, Trump teve que pagar mais de dois milhões de dólares devido à má conduta, pois usou o dinheiro obtido por sua fundação para pagar sua campanha presidencial (James, 2019). Desde 1987, Donald Trump mudou sua filiação política cinco vezes, variando de democrata para republicano e independente até 2012, quando finalmente se tornou republicano, especialmente considerando que Trump foi um democrata conhecido durante a maior parte de sua vida. Apesar de sua fraca linhagem republicana, Trump assumiu o partido republicano, nomeando pessoas de seu círculo interno para cargos-chave, criando um grande número de seguidores e mantendo sua influência mesmo após sua presidência, conforme Crump, 2021 (apud BABBILI, 2022).

desemprego e da carência econômica está também o medo de serem manipulados. Mesmo um cidadão com reduzida compreensão da política nutre uma necessidade de se sentir livre e autônomo no pensamento e nas decisões. É com esse imaginário que se trabalha o engajamento mais eficaz na política.

Babbili (2022) explica que a narrativa de Donald Trump se concentra em atrair eleitores brancos, com foco naqueles sem diplomas universitários, que se sentem excluídos de oportunidade, como os jovens da população rural. São pessoas mais atingidas pelos efeitos de uma globalização ao longo dos anos e que desejam voltar à América de antes, ao país que seus pais recordam nostalgicamente.

Sob o disfarce do conservadorismo, de base cristã, a ideologia do populismo de direita consegue lograr a adesão de ricos e pobres, embora diante da contradição de promover a agenda econômica neoliberal. A falta de consciência de seus eleitores em massa sobre essa realidade o beneficia. Há um disfarce, identificado por Babbili (idem) em que se identifica a mudança de paradigma, mas, também a ilusão de como a realidade é criada. Escândalos, declarações incendiárias, ameaças ao *establishment*, tudo estrategicamente efetuado para fortalecer o vínculo com o eleitor que deseja mudança: tanto os que são opositores aos democratas quanto os indecisos.

Donald Trump se retratou como a única opção capaz de livrar o povo da corrupção e da pobreza pelo que descreveu McCammon, em 2016 (BABBILI, 2022). A imagem que construiu de si mesmo se viu reforçada no episódio do ataque ao Capitólio, em janeiro de 2023 e no sistemático ataque que faz às instituições, gerando a quebra de confiança popular nas coisas públicas, como quando colocou, sistematicamente, em dúvida a lisura do processo eleitoral e apenas quando derrotado nas urnas. Sua narrativa busca, assim, dismantlar a confiança em toda esfera pública, reforçar a ideia de uma debilidade e uma deficiência dos governos (exceto os seus, claro), alimentando “a raiva no seu eleitorado e convocando patriotas a destruírem o *status quo*”, conforme Van Hulst publicara, em 2012 (apud BABBILI, 2022).

Donald Trump se utiliza de uma estratégia de acusar estrangeiros de serem criminosos, estupradores, traficantes de drogas, ladrões e de roubarem com sua presença em terras norte-americanas, o sonho de patriotas trabalhadores. Muitos imigrantes já estabelecidos apoiam suas ideias porque também se sentem ameaçados por levar cada vez maiores de estrangeiros, disputando mercados internos. Trump se comunica com aqueles esquecidos pelo governo, deixados para trás, Ele oferece esperança às pessoas que sentem

que estão perdendo seu país e realmente foi capaz de capturar e controlar um dos dois principais partidos políticos dos Estados Unidos com esta mensagem política, apesar de toda normalidade que ele emprestou ao uso de linguagem racista e xenófoba (BABBILI, 2022).

Na tabela 1, (abaixo), o quadro descritivo do discurso trumpista que oferecemos por meio dessa nossa pesquisa, elege três outras marcas características dessa radicalidade de extrema direita e populista, ampliando assim, aquilo que já identificado como as três características da PRR por Mudde (2007). Seis marcas dão, então, a materialidade do discurso aqui tipificado em cenas enunciativas e que correspondem aos períodos eleitorais das duas disputas mais recentes do sujeito discursivo Donald Trump, em duas últimas campanhas eleitorais. Estabeleceu-se a classificação, dessa forma categorizada, com base na análise de enunciados midiáticos do candidato, nas eleições de 2024 e nas eleições anteriores, de 2020, tomados enunciados desse sujeito discursivo, difundidos amplamente e de acesso público na internet. A amostra, assim constituída, se manteve na forma de um grande recorte de enunciados midiáticos, ou veiculados pela imprensa, pelas redes sociais e blogs e sites de analistas políticos, nacionais e estrangeiros. O conjunto reuniu mais de duas mil expressões que foram consideradas favoráveis ao interesse da pesquisa, por sua pergunta quanto ao tipo de discurso que o candidato operacionaliza em seus enunciados públicos.

Esta amostra recebeu um recorte de 40% do total das mensagens primeiramente reunidas nesses dois períodos, as quais foram, então, categorizadas, como se trata na metodologia de análise do discurso. O debate realizado 50 dias antes das eleições de novembro de 2024, em que Donald Trump e Kamala Harris foram confrontados em 10 de setembro de 2024 e transmitido ao vivo pela CNN dos Estados Unidos para o mundo todo, foi também o último momento de recorte da amostra, considerando-se as repercussões imediatas e que se seguiram ao evento nas mídias e redes sociais nos primeiros três dias após o evento. Análises davam conta de que kamala teria vencido a disputa por conseguir atacar justamente o ego de Trump ao dizer-lhe que seus comícios eram tediosos e esvaziados. Teria sido a gota d'água para que ele desandasse a falar de uma possível Terceira Guerra mundial e enunciar que imigrantes em Ohio estariam comendo animaizinhos de estimação de cidadãos norte-americanos ou ainda, que havia criminosos soltos pelo país vindos por entrada ilegal desde a Venezuela “infestando os Estados Unidos”, assim como médicos fazendo partos de bebês para depois executá-los.

O grotesco se tornara a marca dessa discursividade radical e populista da extrema direita e, afinal, Trump é apenas sintoma dessa radicalidade discursiva. Uma possível explicação, talvez, esteja no fato de que, pela via do grotesco, da irreverência na linguagem, parece mais forte a produção de sentidos de rompimento com o *establishment* e, portanto, o caráter renovador de um candidato, por mais que ele seja a personificação do conservadorismo. É que republicanos radicais extremistas querem a renovação de muitas coisas, mas não de tudo. Principalmente, querem manter invioláveis as condições de poder e *status* que sempre tiveram e que não vêm sendo possível por conta de uma elite que os substituiu no comando da nação.

De certa forma, há um entendimento também de que a própria imprensa ajudou a banalizar essa figura com seus discursos grotescos e a promover nos eleitores a compreensão reducionista, simplista e igualmente banal, de que quando uma pessoa produz um discurso desse tipo ela só estaria sendo autêntica, ou seja, sendo ela mesma. A isso, Brian Klaas (2024), cientista político da University College London define como “a banalidade da loucura”, ao qualificar o ex-presidente Donald Trump em sua forma de agir comunicacionalmente. Acompanhe o quadro a seguir:

Tabela 1: Quadro descritivo do discurso trumpista

<i>Nativismo</i>	<i>Autoritarismo</i>	<i>populismo</i>	<i>negacionismo</i>	<i>Reduccionismo</i>	<i>radicalismo</i>
<i>Rejeição aos não nativos:</i>	<i>Rejeição ao comportamento desviante:</i>	<i>Rejeição ao sistema constituído:</i>	<i>Rejeição às ciências e aos saberes formais:</i>	<i>Rejeição ao pensamento complexo:</i>	<i>Rejeição ao diálogo e à controvérsia:</i>
<i>ataques discursivos aos imigrantes</i>	<i>ataques discursivos às minorias de direitos</i>	<i>ataques a uma elite corrupta e ao establishment</i>	<i>ataques contra a educação, contra instituições, contra pesquisas</i>	<i>ataques discursivos contra causas e fatos reais</i>	<i>ataques a opositores e até a antigos apoiadores.</i>

Fonte: os autores deste artigo

O quadro acima se refere a uma categorização encontrada no estudo e análise da amostra em seu recorte na nossa pesquisa. A categoria do nativismo ali demarcada se relaciona à xenofobia e ao nacionalismo exacerbado; ao autoritarismo, estariam relacionados os preconceitos e as discriminações; ao populismo, por sua vez, a antidemocracia, o neoliberalismo e regras de protecionismo excessivas na economia; assim como ao negacionismo, se vinculariam a ignorância propositalmente provocada, o desconhecimento intencional, as *fake news*, a *misinformation* (confusão informativa), a desinformação e as mentiras: como a mentira sobre terra plana, sobre aquecimento global,

ou redução da criminalidade, o aborto, o número de mortos na pandemia, a inflação e o desemprego, por exemplo. Ao reducionismo, se vinculam as narrativas de solução fácil e os discursos simplificadores frente a problemas complexos, como imigrantes comendo animais de estimação, a delinquência personificada no forasteiro em sua incivilidade pressuposta, as insinuações de que estrangeiros estariam cometendo crimes em território nacional, etc., além de fundamentações religiosas usadas como preceitos morais válidos ao conjunto total da sociedade.

Ao radicalismo, então, estariam vinculadas a intolerância e a dificuldade de conviver com a divergência, com pensamentos contrários, fruto de um ego excessivo e de uma incapacidade de lidar com a rejeição. Uma rejeição, aliás, que é apontada como o elemento motivador mais forte da tentativa de Donald Trump de voltar à Presidência, depois da derrota nas urnas para Biden, nas eleições passadas.

A retórica de Trump, nessa configuração de identificação perfeita com a PRR, pode ser também ampliada por outros e novos estudos, por meio de recortes de seus enunciados midiáticos, haja vista a extensa produção de ataques discursivos que se apresentam quase cotidianamente e pela recorrência mesma deles em tipicidade, o que faz dele um Trump ‘sempre mais do mesmo’ e cujo carisma com o eleitor parece estar nessa projeção que conservadores fazem de que suas ideias lhes resgatarão uma América como antes, “make America great again” (torne a América importante de novo), como se fosse mesmo possível reeditar um passado. Menos de dois meses antes da eleição de novembro de 2024, Trump fazia ataques nas redes sociais e pela imprensa prometendo a maior deportação em massa de imigrantes já feita nos Estados Unidos, se eleito, em nome do que chamava de nacionalismo, proteção ao território e à economia do País. Agora eleito, Trump é um prato cheio para novas análises discursivas que ofereçam descrições ainda mais completas dessas retóricas discursivas na política e na tentativa de fazer sobrevida às ideologias que alimentam. As ideologias são muito maiores que seus sujeitos discursivos e muito mais fortalecidas quando eles se afirmam pela conquista do voto democrático.

Referências

ABOU-CHADI, Tarik; KRAUSE, Werner. The causal effect of radical right success on mainstream parties. **Policy positions: a regression discontinuity approach.** *British Journal of Political Science* vol. 3, n.50, p. 829–847, 2020.

AKKERMAN, Tjitske; DELANGE, Sarah; ROODUIJN, Matthij. (Org). **Radical right-wing populist parties in Western Europe: into the mainstream?** Abingdon: Routledge, 2016.

BABBILI, Anantha; CISNEROS-TIRADO, José Antonio. **Trumpian populism: Legitimizing chaos and right-wing nationalism as a political strategy.** Cidade do México, v.17, n.1, p.139-165, 2022. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-35502022000100005&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 14 set.2024.

BETZ, Hans-Georg. Nativism across time and space. **Swiss Political Science Review**, vol. 4, n.23, p. 335–353, 2017.

CASTELLS, Manuel. Ruptura. **A crise da democracia liberal.** Tradução de Joana Angélica d'Avila Melo. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

GUSTERSON, Hugh. **Do Brexit a Trump: Antropologia e ascensão do populismo nacionalista.** *Journal of the American Ethnological Society*, v.44, n.2, p.209-214, 2017.

HABERMAS, Jürgen. **Teoría de la acción comunicativa.** Madrid: Taurus, 1989.

KALTWASSER, Cristóbal Rovira; ZANOTTI, Lisa. The populist radical right beyond Europe. **Journal of Language and Politics**, vol. 22, n. 3, p. 285-305, 2003.

KLASS, Brian. A banalidade da loucura. In: HARAZIM, Dorrit. **O Globo.** 15 set 2024, p.3

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical.** São Paulo: Intermeios, 2015.

LEITIA, James. **Donald J. Trump pays court-ordered \$2 million for illegally using Trump foundation funds,** 2019. Disponível em:< <https://ag.ny.gov/press-release/2019/donald-j-trump-pays-court-ordered-2-million-illegally-using-trump-foundation> > Acesso em 14 set. 2024.

MENDONÇA, Daniel de. **Como olhar "o político" a partir da teoria do discurso.** *Revista Brasileira de Ciência Política*, (1), p. 153-169, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/1533/1354>> Acesso em 18 set. 2024.

MENDONÇA, Daniel de; RODRIGUES, Léo Peixoto (Org.). **Pós-estruturalismo e teoria do discurso: em torno de Ernesto Laclau.** 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

McCAMMON, Sarah. **Donald Trump has brought on countless controversies in an unlikely campaign.** "NPR", 2016. Disponível em: < <https://www.npr.org/2016/11/05/500782887/donald-trumps-road-to-election-day>> Acesso em 01 set 2024.

MARKUS, Wagner; MEYER, Thomas Meyer. **The radical right as niche parties? The ideological landscape of party systems in Western Europe, 1980–2014.** *Political Studies* v.1, n. 65, p.84–107, 2017. Disponível em:<

<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0032321716639065> > Acesso em 10 set 2024.

MAYER, Rodrigo. **Direita populista radical na América Latina:** Os casos do Brasil, Chile e El salvador. Revista Sul-americana de Ciência Política, v.9, n.2, 2023.

MONDON, Aurelien; WINTER, Aaron. **Reactionary democracy:** How racism and the populist far right became mainstream. London: Verso Books, 2020.

MUDDE, Cas. **Populist radical right parties in Europe.** Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

MUDDE, Cas. **Three decades of populist radical right parties in Western Europe:** So What? *European Journal of Political Research*, vol.1, n. 52, p. 1–19, 2013. Disponível em: < <https://ejpr.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1475-6765.2012.02065.x>> Acesso em 01 set 2024.

PARZIANELLO, Geder L. e PARZIANELLO, Sandra Barbosa. **Ficar em casa ou ir às ruas:** o uso de argumentos em tempo de pandemia e as razões da incerteza na formação de juízos. Revista Metalinguagens, v. 7, n. 1, Julho de 2020, pp. 169-196. Disponível em: <https://metalinguagens.spo.ifsp.edu.br/index.php/metalinguagens/article/view/748>. Acesso em 01 set 2024.

PÊCHEUX, Michel. Língua, linguagens, discurso. In: **Análise de discurso:** Michel Pêcheux - Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi. Tradução Freda Indursky. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015 [1971].

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação (1957).** Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SHOSHAN, Nitzan. Epílogo: **Desafíos comparativos en el estudio de la ultraderecha.** Una mirada desde Europa. *Población & Sociedad*, vol. 28. n.2, p. 127-137, 2021. Disponível em: < <https://cerac.unlpam.edu.ar/index.php/pys/article/view/6133/6932>> Acesso em 14 set 2024.

WODAK, Ruth; KRZYŻANOWSKI, Michał. Right-wing populism in Europe & USA. **Contesting politics & discourse beyond ‘Orbanism’ and ‘Trumpism’.** *Journal of Language and Politics* vol.4, n.16, p. 471–484, 2017. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/318649699_Right-wing_populism_in_Europe_USA_Contesting_politics_discourse_beyond_'Orbanism'_and_'Trumpism'> Acesso em 01 set 2024.